



NOVOS ATLAS ANATÔMICOS PARA O ENSINO APRENDIZAGEM DO CORPO QUE DANÇA: DISSECAÇÃO SOBRE AS RELAÇÕES DE PODER EM UMA SALA DE AULA

NEW ANATOMICAL ATLAS FOR TEACHING AND LEARNING ABOUT THE DANCING BODY: A DISSECTION OF POWER RELATIONSHIPS IN THE CLASSROOM

Marise Léo Pestana da Silva

Doutoranda em Educação pelo PPGE-UFC. Coordenadora do Programa de Formação e Criação da Escola de Artes Porto Iracema – SECULT/CE

mariseleo@gmail.com

Resumo

A pesquisa pressupõe que o ensino aprendizagem das estruturas do corpo convencionado à disciplina da Anatomia Humana evidencia mecanismos de poder e regimes de verdades entre o visível e o dizível do corpo. O Atlas, enquanto dispositivo de poder que padroniza e disciplina corpos, não daria conta da porção inventiva de um corpo em formação em dança contemporânea. Por sua vez, os métodos da Educação Somática vêm operando uma nova dissecação pela experiência das estruturas do corpo, possibilitando a emergência de novas narrativas corporais do/no movimento. Um possível percurso criativo de resistência se instaura na microfísica das interrelações de poder, advindo, desta vez, da potência viva de um corpo que move e pensa. O estudo opera sobre as ideias de relações de poder de Michel Foucault e a análise crítica dos modos do ensino da Anatomia Humana preconizados na área da saúde e importados tais quais para o ensino na área de artes.

Palavras-chave: Anatomia, dança contemporânea, educação somática, biopoder.

Abstract

The research presupposes that the teaching and learning of body structures agreed to the discipline of Human Anatomy highlights mechanisms of power and regimes of truths between the visible and the sayable of the body. The Atlas as a device of power that standardizes and disciplines bodies would not be able to handle the inventive portion of a body undergoing training in contemporary dance. In turn, Somatic Education methods have been operating a new dissection through experience of body structures, enabling the emergence of new bodily narratives of/in movement. A possible creative path of resistance is established in the microphysics of power interrelations, arising this time from the living power of a body that moves and thinks. Operating with the ideas about Michel Foucault's power relations and the critical analysis of the teaching methods of Human Anatomy recommended in the health area and imported as such for teaching in the arts area.

Keywords: Anatomy, contemporary dance, somatic education, biopolitics

1. Introdução

Foi no palco da episteme moderna que o saber científico se construiu a partir de uma busca pela ordenação do mundo (GALLO, 2004). A ciência e os saberes médicos, por sua vez, se constituíram há pelo menos 450 anos através da construção de um “golpe de vista” (FOUCAULT, 2011, p. 134) sobre o corpo humano. Assim, traçaram espaços, cujas linhas,

<i>Rev. Helius</i>	Sobral	v. 6	n. 1	p. 110-126	Dossiê
--------------------	--------	------	------	------------	--------

volumes, superfícies e caminhos corporais foram fixados segundo uma geografia desde então familiar, que estabeleceu parâmetros classificatórios para o que é normal ou anormal acerca do corpo (cf. FOUCAULT, 2011).

É a partir do estudo e da memorização dos termos das estruturas representadas nos desenhos das pranchas anatômicas de um Atlas que se evidenciam os mecanismos de poder e os regimes de verdades entre o visível e o invisível do corpo (morto) dissecado. Uma aula de Anatomia Humana ou Cinesiologia (estudo dos músculos), transcorre, via de regra, pela seguinte sequência processual: visualização, nomeação, função e memorização de um detalhe de uma das partes do corpo apreendida no desenho, próteses, ou, ainda, no próprio corpo-cadáver. Tal forma de transmissão de saber sobre as estruturas do corpo, aqui representada sob o viés disciplinar, vem sendo a via metodológica mais frequente nas grades curriculares dos principais cursos de graduação nas áreas da saúde e das artes cênicas, enquadrando-se a dança nesta última.

Desde a experiência vivenciada enquanto professora substituta (2016 a 2018) nos cursos de graduação (Bacharelado e Licenciatura) em Dança do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará – ICA/UFC, mais precisamente, ministrando as disciplinas de Anatomia e Cinesiologia, fui instigada pelos conceitos do fazer contemporâneo condizentes aos enunciados instituídos nos Projeto Pedagógico do Curso (2010), em que o “rompimento com o pensamento fragmentado e a noção de instâncias estanques de atuação humana podem ser adotados como fundamentos básicos de orientação, estruturação e concepção da práxis pedagógica da dança.” (2010, p. 19) Sendo professora formada em Educação Somática há 20 anos e conhecedora dos subsídios sensíveis advindos dos discursos e práxis dos precursores e perpetuadores dos variados métodos somáticos da atualidade, vislumbrei a oportunidade de estabelecer discussões críticas entre as construções dos campos metodológicos tradicionais e experimentais, defendidos pelas premissas epistemológicas convencional e asomática, que atende sem à complexidade das relações intrínsecas de poder nos agenciamentos pedagógicos dentro de uma sala aula de Anatomia e de Cinesiologia. Essa experiência ajudou-me a conceber estar diante de um problema paradigmático pedagógico: Como estabelecer processos pedagógicos de construção corporal crítica e autônoma assegurando a prática das subjetividades dos alunos, futuros intérpretes-criadores em dança? Como se operam os processos coexistentes de ensino-aprendizagem e territórios de convívio entre os saberes anatômicos normativos e os saberes imagéticos e sensíveis das epistemologias somáticas na construção de um corpo que se almeja dançante?

Esta pesquisa admite como objeto de discussão, o intento de resposta a estas perguntas, considerando a dinâmica da relação de forças dos poderes dispostos no cenário de uma sala de aula de um curso de graduação em dança. Pretende expor as facetas do exercício biopolítico e as nuances das capturas intrínsecas ao processo de ensino aprendizagem das ditas disciplinas que estudam as estruturas do corpo.

Sem, no entanto, negar importância basilar que os estudos anatômicos, conteúdo obrigatório nas grades curriculares dos cursos de graduação na área da saúde e das artes, instituem na formação acadêmica e atuação profissional, pretende-se estabelecer possíveis novos territórios pedagógicos a partir de entre cruzamentos vinculados às premissas dos saberes das epistemologias somáticas, da dança contemporânea e da Anatomia Humana.

Pretendo estabelecer uma análise discursiva a partir de levantamento bibliográfico considerando como esteio o pensamento do filósofo francês Michel Foucault, mais especificamente, o conceito da biopolítica e as questões que concernem uma macro e microfísica das relações de poder. Consideramos também, as ideias de autores que corroborem com a pretensa tessitura discursiva deste estudo, intrínsecas às interações sobre os exercícios de poder atuais constitutivos da educação do corpo que dança na contemporaneidade.

2. Discussão

Cápsula, forame, canal, processo, meato, fissura, desfiladeiro, côndilo, depressão, cingulo, inserção, sulco, lâmina, estrato, são alguns exemplos da nomenclatura utilizada pela ciência da Anatomia Humana. Da ação do anatomista no escalpo da carne revelando a “face primeira da verdade”¹ sobre as reentrâncias do corpo, a ciência da Anatomia Humana vem construindo seus enunciados a partir do estabelecimento de uma terminologia universal (TA)² cujo objetivo primordial é facilitar a representação da materialidade do corpo e o compartilhamento de suas informações e estudos.

¹ O fruto, então, se abre: sob a casca, meticulosamente fendida, surge algo, massa mole e acinzentada, envolvida por peles viscosas com nervuras de sangue, triste polpa frágil em que resplandece, finalmente liberado, finalmente dado à luz, o objeto do saber [...] O gesto preciso, mas sem medida, que abre para o olhar a plenitude das coisas concretas, com o esquadramento minucioso de suas qualidades, funda uma objetividade mais científica, para nós, do que as mediações instrumentais da quantidade. As formas da racionalidade médica penetram-na maravilhosa espessura da percepção, oferecendo, como face primeira da verdade, a tessitura das coisas, sua cor, suas manchas, sua dureza, sua aderência. (FOUCAULT, 2011, p. 13)

² A Terminologia Anatômica (cerca de 6 mil nomes) foi selecionada (dentre aproximadamente 10 mil nomes) e estudada durante oito anos por uma comissão eleita democraticamente. Foi revista e aprovada por todas as associações de anatomistas e devido à essa colaboração mundial se estabelece simplificada, uniforme e atualizada. (cf. DI DIO, 2000)

As diversas denominações que compõem o glossário anatômico descrevem, via de regra, a característica mais evidente de uma estrutura e sugerem um passeio pela paisagem dos múltiplos formatos do corpo, pelo que podemos considerar anatomista: “um descobridor e geógrafo, viajante em terras desconhecidas” (ORTEGA, 2008, p. 95). No entanto, para além do olhar analítico sobre a dimensão geográfica dos espaços do corpo e tangenciados pelo pensamento do filósofo Michel Foucault, concebemos esta análise através das instâncias constitutivas de uma possível cartografia do poder, considerando a vinculação histórico política de seus agenciamentos.

A concepção microfísica de uma “topologia” do poder construída pela Filosofia Política clássica, especifica lugares e agentes de concentração em que o poder é exercido ativamente por um, enquanto os demais são seus agentes passivos. Assim, consideramos como exemplos a relação de submissão entre o poder monárquico e seus súditos e ado professor e aluno em sala de aula. A ideia da dinâmica ativo-passiva, determinaria a condição específica de seus vetores de força e de sua localização, sendo o *topoi*, o lugar em que o poder se concentra, como também, o lugar onde ele não existe (GALLO, 2004). Contrapondo a esta noção clássica dos agenciamentos do poder, Foucault nos propõe um olhar “microfísico do poder” sobre as condições de tais agenciamentos, em que, no lugar de perceber o poder confinado a determinados *topoi*, a partir dos quais distenderiam suas cordas, passaríamos a percebê-lo como uma teia enredada intrínseca ao tecido social em que vivemos. É operando com esse olhar e com os microinstrumentos propostos pelo filósofo que nos empenharemos em uma outra forma de dissecação na construção discursiva deste estudo.

A Anatomia Humana enquanto campo de conhecimento específico das áreas da saúde, tratou de “modelar” a compreensão do corpo enquanto “entidade material”, reduzindo a experiência do corpo subjetivo em favor à do corpo visualizável, objetivo, mensurável e quantificável (ORTEGA, 2008, grifo do autor).

A metodologia de ensino da disciplina da Anatomia Humana, atravessou os séculos seguindo um percurso didático que consiste em: visualização das estruturas através do cadáver, pranchas (desenhos) dos Atlas Anatômicos, sejam estes impressos, em *softwares* ou próteses e a memorização da terminologia das partes do corpo, assim como suas funções, no caso do estudo dos músculos. Um exemplo simples deste percurso de aprendizagem é pensar no músculo bíceps (que significa: duas cabeças, tendo em vista o seu formato), bem conhecido da maioria das pessoas, cuja função agonista específica a ser memorizada é a flexão do antebraço. Assim ocorre a conduta de aprendizagem a partir da setorização, especificação,

nominação e memorização de todas as partes do corpo. Tal processo pedagógico culmina com a avaliação dos conteúdos apreendidos através do exame dos “alfinetes” ou “adesivos”, em que o aluno, a partir de uma lista de nomes de estruturas anatômicas, deve ser capaz de indicar a localização exata das estruturas, seja no desenho anatômico determinado pelo professor, seja no cadáver humano.

Com raras exceções, é assim que se sucede o percurso didático de transmissão dos conteúdos das estruturas do corpo nos cursos de graduação e formação diversa nas áreas do conhecimento anteriormente citadas. Um percurso cuja construção metodológica acontece, invariavelmente, na interface da tríade: professor – Atlas/cadáver – aluno.

Nos procedimentos de constituição da medicina enquanto ciência moderna, o Atlas Anatômico seria a representação e face primeira da verdade entre aquilo que se vê e aquilo que se diz. A partir do gesto de romper a carne, uma nova aliança entre as palavras e as coisas, tornando o visível dizível e ensinável (FOUCAULT, 2011). O Atlas Anatômico se apresenta enquanto um manual do/no/sobre o corpo, com imagens fidedignas de seus sistemas, sendo eles: muscular, ósseo, nervoso, circulatório, entre outros. Por outro ângulo e atentos às formas de captura dos corpos, propomos pensar o Atlas enquanto engrenagem que compõe a maquinaria de poder. Um possível dispositivo de disciplina cuja tecnologia “esquadrinha, desarticula e recompõe” o corpo na perspectiva de uma “anátomo-política” (FOUCAULT, 2010, p. 133).

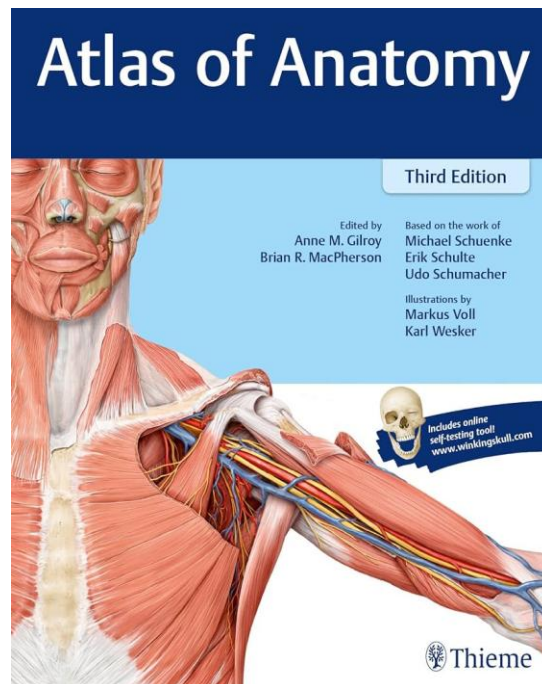


Fig 1 – Capa do Atlas of Anatomy. Ed. Thieme.

<i>Rev. Helius</i>	Sobral	v. 6	n. 1	p. 110-126	Dossiê
--------------------	--------	------	------	------------	--------

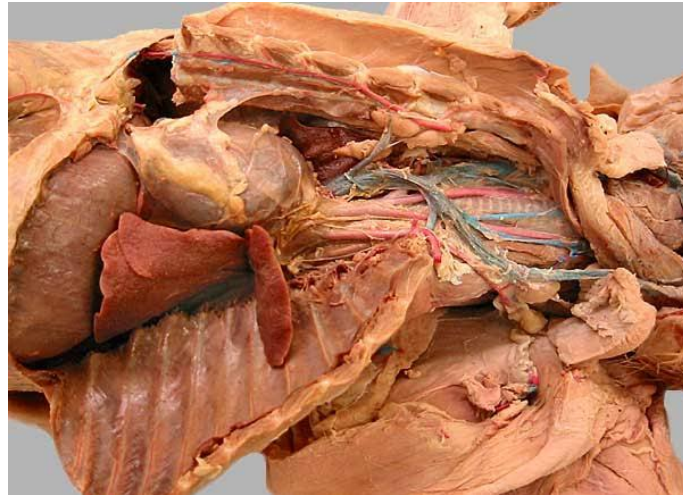


Fig 2 – Estudo anatômico em cadáver. Acervo pessoal

A escolha do formato e aparência de uma estrutura corporal representada por uma prancha anatômicas e constitui não a partir de uma individualidade completamente observada, mas de uma variedade de fatos individuais, tendo como critério de escolha normas clínicas de observação as quais Foucault nomeia de: “percepção da frequência” (2011, p. 111). Em suma, uma “média” daquilo que é mais frequentemente observado em termos de morfologia corporal, na observação em cadáveres, é o que define o padrão de representação da estrutura que figurará em um Atlas. Assistimos, assim, ao apagamento espontâneo das variações anatômicas individuais por integração do comum e do constante, sendo todo traço de conformação individual considerado apenas no campo das exceções e das probabilidades. O Atlas revela-se enquanto fundamento classificatório das estruturas do corpo: “estruturas em que se articulam o espaço, a linguagem e a morte”, “a análise real por superfícies perceptíveis” (FOUCAULT, 2011, p. 216). Ao mesmo tempo que padroniza e cataloga, o Atlas Anatômico conduz uma acessibilidade enquanto instrumental do/no/sobre o corpo, favorecendo o alcance de conhecimento de suas estruturas na construção de corpos úteis no que concerne à garantia de sua normatividade e funcionalidade. Acoplado a outros princípios classificatórios e medulares da ciência da anatomia, o Atlas reforça a ideia especulativa da relação entre “forma e função”, trazida à tona em 1925, pelo médico, pesquisador e fisiologista italiano Angelo Ruffini, em que: “a forma é a imagem plástica da função” (DANGELO; FATTINNI, 2011). Aquilo que se vê e se inscreve como representação de uma estrutura corporal, prevê, na vinculação e aplicação do conceito de “forma e a função”,

não apenas a normatização de seus contornos, mas também, a pressuposição de sua gestualística no mundo.

Ainda sobre a lógica de importância do estabelecimento de um corpo funcional no mundo e dentro de uma escala que gradua as nuances entre o normal e o patológico, a ciência da anatomia elenca as possíveis multiplicidades morfológicas de um corpo enquanto “variações anatômicas”³ (MOORE; AGUR; DALLEY, 2013). A divisão consiste em: variação anatômica, anomalia e monstruosidade, sendo o grau de classificação dessas variações, subordinado ao nível da condição de sua disfuncionalidade e incompatibilidade com a vida.

Para Foucault, o termo “anátomo-política” vigora justamente no momento da história em que o surgimento da disciplina e a política das coerções atuam sobre os corpos: “o controle minucioso das operações do corpo que asseguram a sujeição constante de suas forças e a imposição de uma relação de docilidade-utilidade” (FOUCAULT, 2010, p. 133). “Uma mecânica do poder em que a disciplina aumenta as forças do corpo, em termos econômicos de utilidade e diminui essas mesmas forças, em termos políticos de obediência” (FOUCAULT, 2010, p. 134).

Nas instâncias do biopoder, a vida biológica e a saúde da nação tornam-se alvos fundamentais de um poder sobre a vida, num processo denominado de “estatização do biológico” (ORTEGA, 2004). Articula-se numa dupla forma: como uma anátomo-política do corpo, tendo como base o disciplinamento corporal, culminando em um projeto maior que visa, entre outras vertentes, a medicalização e a normalização da sociedade (ORTEGA, 2004). Ao contrário do poder da soberania, em que o soberano decide sobre a morte dos indivíduos, a teia do biopoder exerce-se, astutamente, sobre os corpos já disciplinados, dando-lhes condições de garantia de vida por meio de ferramentas políticas de controle, como objetivo de “melhorar a sorte da população, aumentar sua riqueza, sua duração de vida, sua saúde” (FOUCAULT, 2017, p. 289).

Nesse sentido, o biopoder está voltado para a manutenção da vida das populações organizadas pelo estado enquanto corpo político. Ou seja, uma nova forma de governo ou *governamentalidade* sobre a vida dos homens, em que não se trataria mais de uma força de repressão exercida enquanto jogo de poder, mas uma forma de administração das forças

³ Variação anatômica é uma alteração morfológica, que difere do normal, mas não traz prejuízo à função. Anomalia é considerada uma alteração que difere do normal, traz prejuízo à função, porém, permanece compatível com a vida. E por fim, a monstruosidade é uma alteração morfológica, que difere do normal, traz prejuízo à função e é incompatível com a vida. (cf. MOORE; AGUR; DALLEY, 2013)

individuais e coletivas. Destarte, contemplaria a própria noção do governo de si, ou seja, o que cada pessoa faz de si mesmo, assim como suas relações com o governo dos outros. Tal *governamentalidade* controla e intervém nas subjetividades, conduzindo condutas, dominando o campo de possíveis ações do outro, impossibilitando o imprevisível. Esta norma submeteria os corpos aos imperativos de “desempenho, gestão, visibilidade e tecnologias como vetores estratégicos de regulação e controle de condutas na contemporaneidade” (GADELHA, 2017), fazendo-os instrumentos dóceis e úteis a serviço da expressão.

Assim, expomos os possíveis exercícios de dominação biopolíticos e suas cristalizações institucionais que tomam corpo no âmbito educacional, evidenciando-se na prática de uma disciplina em sala de aula. Tais modos de fazer ora permanecem excessivamente lacrados e inertes, tal qual o cadáver sobre o qual se debruçam, ora valorizam apenas o aspecto mais restrito de sua funcionalidade, sobretudo em relação à eficácia mecânica de uma estrutura.

Se considerarmos o Atlas pelo olhar atento às tais forças de captura, podemos concebê-lo enquanto um possível manual técnico dos agenciamentos dos biopoderes neoliberais. Um mapa de acesso às informações do corpo. Ao mesmo tempo em que informa, organiza e classifica, padroniza os corpos e os desejos. Preconiza uma norma de existência sobre as fronteiras do corpo, sua capacidade de ser e sua funcionalidade no viver.

Voltando ao cenário de uma sala de aula de Anatomia Humana, na perspectiva de uma didática alienante, a imagem da qual se memoriza as partes, fala sobre um corpo alheio àquele dos alunos, sejam estes futuros estudantes de medicina ou de dança. Um outro corpo, um corpo para além de si, ou ainda, um terceiro corpo, apartado da possibilidade de ser experienciado e por isso mesmo, desincorporado de suas potencialidades sensíveis e subjetivas.

Para aqueles que dançam dança contemporânea⁴, o ensino aprendizagem dos conteúdos de anatomia, no formato analisado, é insatisfatório. Uma imagem estática do corpo não compactua com a realidade de um corpo dançante. “Saber de cor o nome dos ossos planos, longos e curtos, o nome de todos os músculos e suas inserções, é perfeitamente

⁴ A dança dita “contemporânea” afirma-se, paradoxalmente, negando tudo aquilo que não é: não é um estilo, nem modalidade e se recusa a estabelecer-se como identidade, produzindo diferença em relação a si (ROCHA, 2016). Sendo assim, sem o carimbo do virtuosismo de uma técnica específica, abre vias de experimentação e planos de consistência criativos através de jogos de improvisação, em que o bailarino se torna intérprete cocriador. A dança contemporânea em sua força estética e política consiste “na libertação de um fantasma de um corpo de origem, entendendo em que medida o trabalho corporal, implica uma longa procura de um corpo em devir (LOUPPE, 2012, p. 83).

inútil, se não há ligação com o próprio movimento no corpo”, desabafa a fisioterapeuta e criadora do método da Análise Funcional do Movimento Dançado Odile Rouquet (1985, p. 12).

A anatomia que interessa à dança contemporânea, segundo Louppe, corresponde “a uma busca que raramente passará pela imagem ou pela figura anatômica, mas, sobretudo, pelas sensações e intensidades” (LOUPPE, 2012, p. 71). Ela atende a um ensino adaptado à sua necessidade: a investigação simultânea das estruturas e do movimento que elas asseguram, permitindo a compreensão e execução do gesto dançado (FORTIN, 2010). A professora e pesquisadora da Universidade Paris 8, Christine Roquet, reforça esta premissa: “a visualização de uma articulação, a compreensão da localização das vértebras da coluna, por exemplo, conduziria àqueles que as estudam mais uma forma de conhecimento do corpo”. Todavia, faz um alerta:

para que o estudo anatômico interesse à dança, ele deve ser indissociável da experiência. Aquilo que viria somar à dança, tratar-se-ia de uma anatomia experiencial e que dependeria de uma certa maneira de olhar e de se perguntar sobre o corpo (ROQUET, 2013, p. 1)

Uma anatomia que não trata apenas de “cortar em partes”, mas que considera o movimento integralizado de suas partes, ou seja, uma anatomia em/no movimento. Tal forma de construção de saber na experiência do/no movimento vem sendo edificada por pesquisadores ou “reformadores do movimento”⁵, cuja busca, através de práticas corporais visa a ativação da percepção e afetação de si, abrindo vias de acesso para diferentes e múltiplos modos de apreensão sobre as estruturas do corpo. A consonância dos pensadores ditos somáticos consiste em abandonar a ideia da plenitude identitária que engessa as fronteiras corporais e aniquila a disponibilidade de afetação do corpo no mundo.

É na experimentação do próprio corpo e de sua tessitura cinestésica que o bailarino contemporâneo passa a entender-se como intérprete-criador em dança. Para além da mera reprodução de passos, o intérprete-criador cria, atua e opera a partir de uma mudança na percepção que possui de si e do mundo. O ensino da dança contemporânea, em seu fazer nômade, requer, portanto, um suporte que dê conta da investigação simultânea das estruturas

⁵Márcia Strazzacappa intitula de “reformadores do movimento” os precursores da Educação Somática que colaboraram por uma nova abordagem corporal a partir do séc. XIX. A autora arrisca três fontes originárias das aspirações somáticas: uma fonte australiana (Mathias Alexander), uma europeia (Jaques Dalcroze e Moshe Feldenkrais) e uma última, americana (Mabel Todd e o pensamento de François Delsarte a partir de seus discípulos – Delsarte, apesar de francês, teve reconhecimento maior de seu pensamento nos Estados Unidos) (STRAZZACAPPA, 2000).

do/no gesto dançado. Para reinventar corpos, a dança contemporânea começou por repensar e redistribuir a hierarquizações anatômicas:

A anatomia humana e mesmo as funções elementares do corpo foram revisitadas e, por vezes, destacadas ou deslocadas pela dança contemporânea, a fim de reclamar, além das formas admitidas e reconhecíveis, todos os outros corpos possíveis, corpos poéticos susceptíveis de transformar o mundo mediante transformações de sua própria matéria. (LOUPPE, 2012, p. 74).

É justamente na experimentação de novos conceitos sobre as construções corporais do fazer dançante contemporâneo que surge a ressonância mútua e assertiva entre dança e Educação Somática⁶, tema central de minha dissertação de mestrado defendida em 2015 (SILVA, 2015), cujas interfaces o atual trabalho do doutoramento empenha-se em aprofundar.

A Educação Somática alteraria a ordem da imagem corporal pré-estabelecida pelo Atlas, operando uma nova dissecação pela experiência da estrutura no movimento e, por conseguinte, a possibilidade de emergência de novos mapas anatômicos sensíveis. A exemplo disto e pertencente à categoria dos métodos somáticos, o Body Mind Centeringou BMC, criado pela médica americana Bonnie Bainbridge Cohen defende a proposta deste entrecruzamento de saberes. Considerado uma “anatomia experimental”, tal método reconfigura o percurso pedagógico por excelência, a partir do processo de “embodiment”, traduzido por “corporalização”. Ao contrário do percurso metodológico convencional de aprendizagem das estruturas do corpo: visualização-identificação-memorização, Cohen estabelece que o processo de ensinar-aprender não corresponderia a um fazer, nem um pensar sobre, mas a um processo “de ser”, e sugere três etapas importantes no entendimento e vivência de sua consubstanciação: visualização, somatização e corporalização (COHEN, 2015, grifo nosso).

⁶A Educação Somática é um campo disciplinar que agrupa diferentes métodos tendo por objeto de estudo e de prática a aprendizagem e a consciência do corpo em movimento inseridos em seu meio. Surge no início do séc XX, e tem como principais nomes entre os “reformadores do movimento” e seus métodos: a Eutonia de Gerda Alexander; a Técnica de Alexander de Mathias Alexander; o Método Feldenkrais de Moshe Feldenkrais; o Método *Fundamentals* Bartenieff de Laban e Irmgard Bartenieff; o *Body Mind Centering* (BMC) de Bonnie Bainbridge-Cohen; a Antiginástica de Thérèse Bertherat; a Ginástica Holística de Lily Ehrenfried; o *Ideokinesis* de Mabel Todd, o *Sensory Awareness* de Charlotte Selver; o *Continuum* de Emile Conrad, o método GDS das Cadeias Musculares De Godeliève Denis-Struyf e, no Brasil, a Técnica Klaus Vianna. (SILVA, 2015)



Fig 3: Bonnie Bainbridge Cohen ministrando curso do método Body Mind Centering. Fonte: www.bodymindcentering.com

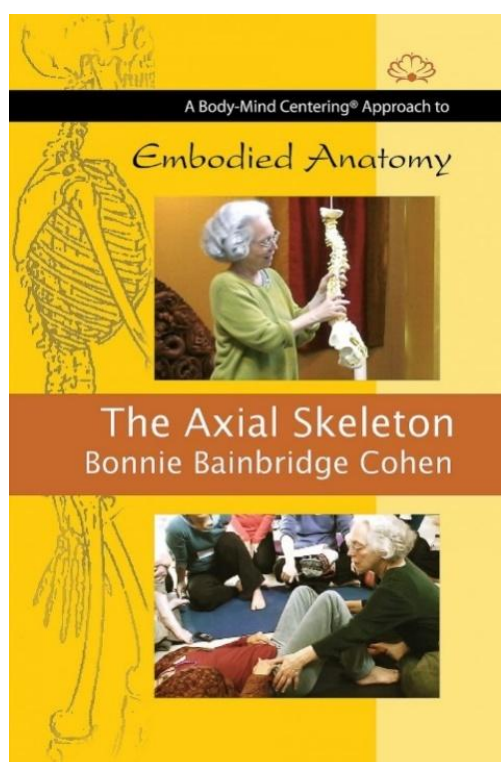


Fig 4: Material em vídeo sobre “esqueleto axial”. Fonte: www.bodymindcenterin.com

A Educação Somática, mais especificamente no método do BMC, considera um outro percurso pedagógico que consiste em: visualização – experimentação – sensação/percepção – corporalização – criação, que não necessariamente, seguiria esta ordem, desobedecendo desde já, a possíveis hierarquias vetoriais positivistas da aprendizagem, no sentido de validar medidas de garantia da aquisição de conteúdo. As imagens exógenas utilizadas como disparadoras do processo, como desenhos, próteses anatômicas ou fotografias, validam-se quando agregadas e conectadas a um referencial interno e singular a partir de movimentos específicos vinculados àquela estrutura. Para cada parte estudada, uma investigação de movimento a partir de sua função e correlação com outras parte do corpo e o espaço. Após a “experimentação” da estrutura em questão o aluno praticante é convidado a criar narrativas sobre suas percepções e sensações, através de relato oral, desenho ou texto escrito.

Cohen percebe as interrelações resultantes do reconhecimento sobre as condições de modulação mútua entre teoria e práxis: “nós atamos nossas experiências a esses dados, mas esses dados não são nossa experiência” (COHEN, 2015, p. 23). Assim emerge a anatomia experimental do BMC: “quando falamos de sangue, de linfa ou de qualquer outra substância física, não tratamos da substância em si, mas dos estados de consciência e dos processos que lhe são inerentes” (COHEN, 2015, p. 23).

Tendo exposto os agenciamentos somáticos, constatamos que a dinâmica do exercício de tal percurso de aprendizagem, desloca radicalmente as linhas de força dos territórios pedagógicos estabelecidos desde então, na medida em que promove uma inversão da ordem e da noção da apreensão da materialidade dos conteúdos corporais de uma imagem, um desenho ou prótese humana. A dinâmica de ensino teórico-prática que a Educação Somática propõe, amplia a dimensão estética⁷ corporal na apropriação dos saberes, o que, por consequência, operaria a favor da insurgência de outros desenhos anatômicos, como nos exemplos nas imagens a seguir:

⁷ Entende-se por “estesia” o “processamento do corpo que sente as qualidades que sobre ele operam impressivamente. Quanto maior o grau de esteticidade, maior é a ação impressiva e a ação desse corpo operador que, sem automatismo para processar o manifesto por um plano da expressão, capta e sente as impulsões que produzem uma experiência do que é sentido para ser significado.” (OLIVEIRA, 2010, p. 1)

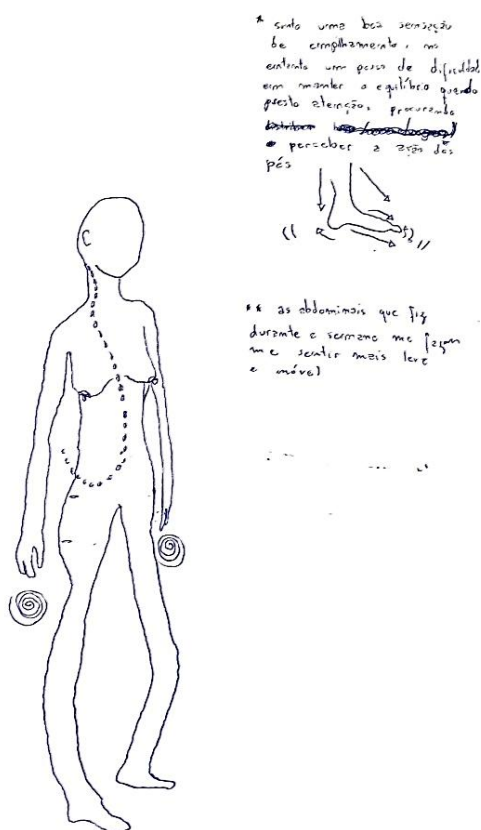


Fig 5: Desenho produzido por uma aluna da disciplina de Cinesilogia Aplicada à Dança do curso de graduação em dança da Universidade Federal do Ceará- UFC. O tema da aula era sobre “coluna vertebral”: “sinto uma boa sensação de empilhamento, no entanto um pouco de dificuldade o equilíbrio quando presto atenção, procurando perceber a ação dos pés. Fonte: acervo pessoal.

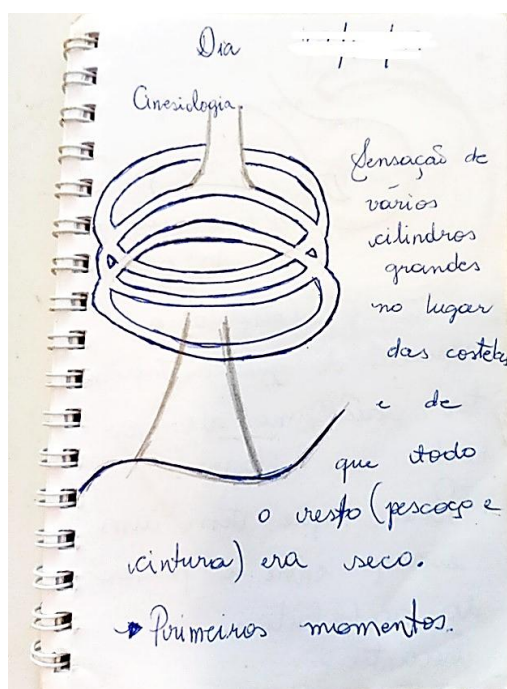


Fig 6: Desenho de aluna da disciplina de Cinesilogia aplicada à dança do curso de Graduação em Dança da Universidade Federal do Ceará- UFC. Tema da aula: diafragma e a respiração. Fonte: acervo pessoal

O movimento somático constituinte e constitutivo da experiência do/no movimento a partir do estudo de uma certa estrutura intermedia as zonas de atravessamentos das reentrâncias cutâneas. Uma forma de abrir-se ao novo, trocar as peles, projetar o corpo para fora, inventar novos espaços do/no corpo. Não seria senão, todos esses vividos da prática somática, o propósito próprio do corpo que dança na contemporaneidade?

Ressignificar, neste estudo, a palavra anatomia, vem a ser o contrário de “cortar em partes”, mas expô-las à experiência, para justamente, integrar suas partes entre si. Um estudo anatômico sobre a potência de um corpo vivo. Uma proposta de conexão entre as estruturas no movimento dançante que “desierarquiza” suas partes, reduz a tônica de especificidade de suas funcionalidades, estabelecendo uma dinâmica de cooperação não apenas setorial, mas entre sistemas, proporcionando um entendimento mais sinergista (co-relacional) e menos agonista (opositor) da funcionalidade do corpo como um todo

Defende-se, portanto, a possibilidade de que a Educação Somática proporcione novas percepções corporais, desdobramentos do sentir e prolongamentos em movimentos que atravessam simultaneamente o fazer somático da dança. Esta promoveria, ainda, a capacidade de deslocar-se entre lugares múltiplos de atuação, revolvendo um campo de base e referenciais a partir de experiências cinestésicas de cada praticante para abrir acessos a outras modalidades de projeção imaginária, perceptiva e gestual na dança (SILVA, 2015).

Retomando o entendimento microfísico dos exercícios de poder na perspectiva do fazer sensível somático, evidenciamos um esfacelamento dos vetores, ou ainda, uma versão rizomática destes, no traçado de linhas de fuga capazes de resistir às formas de capturas de poder. A tríade dos protagonistas dos saberes, citada anteriormente, se rompe. As figuras do professor e do Atlas se revelam com um propósito de mediação de processos e o aluno o agente principal na apreensão dos conteúdos na criação de elaboração de outros Atlas insurgentes. O movimento gerado em torno desta discussão não deve ser apenas entendido enquanto gesto de expansão dos territórios pedagógicos, mas como o próprio lugar onde a transformação micropolítica convoca ao “disparo das subjetividades” (ROLNIK, 2018, p. 25), como forma de rompimento das capturas neoliberais aos planos dos corpos e que se inscreveria no lugar onde “a pulsão de vida se põe em movimento e o desejo é comunicado a agir” (Ibidem).

Para Foucault a resistência ao dispositivo biopolítico se encontra na própria vida (GALLO, 2017) numa “outra economia do corpo e dos prazeres” (FOUCAULT, 1976, p.

191 *apud* ORTEGA, 2004, p. 11). Um poder “da vida”, suscetível de resistir aos agenciamentos do poder “sobre a vida”, que, por sua vez, define a biopolítica. Segundo Ortega (2004), Foucault acreditava que “a resistência a essa nova forma de poder devia se apoiar precisamente naquilo em que ele investiu, isto é, na vida mesma: a vida como objeto político foi de certa maneira tomada ao pé da letra e voltada contra o sistema que pretendia controlá-la” (FOUCAULT, 1976, p. 191 *apud* ORTEGA, 2004, p. 11).

Pressupomos, assim, que as práticas pedagógicas promulgadas pelas epistemologias somáticas possam operar fissuras sobre as formas de ensino aprendizagem tradicionais sobre as estruturas do corpo, tornando possível a emergência de novos desenhos, narrativas, traçados, metodologias e representações anatômicas capazes de expandir os processos pedagógicos em suas dimensões e potencialidades subjetivas artísticas dançantes e consequentemente, políticas.

Considerações finais

A sugestão de abrir as fronteiras do corpo consiste em provocar a articulação entre os saberes convencionados da ciência da Anatomia Humana e os novos campos de saber da Educação Somática, aos quais a dança contemporânea vem se afinando e fortalecendo suas esferas inventivas na criação de outras formas de estudos e estados anatômicos.

Sob a égide do pensamento de Michel Foucault, mais precisamente, a partir dos conceitos formatados pelo filósofo da anátomo-política e da Biopolítica, sugerimos uma dissecação sobre os agenciamentos do ensino aprendizagem das estruturas do corpo, que considerasse as instâncias próprias das capturas nos jogos de poder sobre os corpos.

Da experiência de subversão dos conhecimentos estruturados e normativos de um Atlas anatômico emerge a potência micropolítica de uma pedagogia “às avessas”. E com ela o interesse investigativo sobre as forças de atração e fragmentação entre os saberes, seus regimes de verdade e poder.

Promovemos aqui, a reflexão de que a prática somática implica uma possível abertura às subjetividades no jogo das estruturas corporais e no alcance da invenção do movimento dançado. O que significa, a não sujeição à esfera normativa de construção de saberes dentro de uma sala de aula e à constituição pedagógica determinada pela tríade “professor – Atlas/cadáver – aluno”. Reinventar uma outra materialidade do corpo é uma realidade somática que se revela em um caminho pedagógico sensível de apreensão dos invólucros do

corpo, uma irrupção cuja potência micropolítica se consumaria na possibilidade de promover desvios dançantes na superfície e fronteiras do corpo no mundo.

Referências Bibliográficas

COHEN, B.B. **Sentir, Perceber e Agir – Educação Somática pelo método Body Mind Centering**. São Paulo: Edições Sesc, 2015.

DANGELO, J. G; FATTINNI, C, A. **Anatomia Humana Básica**. São Paulo: Editora Atheneu, 2011.

DI DIO, L. *Lançamento oficial da Terminologia Anatomica em São Paulo: um marco histórico para a medicina brasileira*. In: **RevAss Med Brasil**, v. 46, n. 3, pp. 191-3, 2000.

FORTIN, S. VIEIRA, A. TREMBLAY, M. A *Experiência de discursos na dança e na educação somática*. In: **Revista Movimento**, v. 16, n. 2, pp. 71-91, abril/junho, 2010.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

FOUCAULT, M. **Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2017.

GADELHA, S. *Desempenho, gestão, visibilidade e tecnologias como vetores estratégicos de regulação e controle de condutas na contemporaneidade*. In: **Educar em Revista**, n. 66, p. 113-139, out./dez. 2017.

GALLO, S. *Repensar a Educação*. In: **Educação & Realidade**, v. 29, n. 1, p. 79-97, jan/jun, 2004.

GALLO, Silvio. *Biopolítica e Subjetividade: resistência?* In: **Educar em Revista**, n. 66, p. 77-94, 2017.

LOUPPE, L. **Poética da Dança Contemporânea**. 4 ed. Lisboa: Orfeu Negro, 2012.

MOORE, L; AGUR, K; DALLEY, F. **Fundamentos de Anatomia Clínica**, 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

ORTEGA, F. **O Corpo Incerto**. Garamond, 2008.

ORTEGA, F. *Biopolíticas da saúde: reflexões a partir de Michel Foucault, Agnes Heller e Hannah Arendt*. In: **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 8, n. 14, pp. 9-20, set.2003-fev. 2004.

ROCHA, Thereza. **O que é dança contemporânea? Uma aprendizagem e um livro dos prazeres**. Salvador: Conexões Criativas, 2016.

ROLNIK, S. **Esferas da Insurreição**. São Paulo: n – 1 editora, 2018.

<i>Rev. Helius</i>	Sobral	v. 6	n. 1	p. 110-126	Dossiê
--------------------	--------	------	------	------------	--------

SILVA, M. L. P. **As peles que dançam: pistas somáticas para outra anatomia.** 2015. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal do Ceará (UFC) Instituto de Cultura e Arte, Fortaleza, 2015.

STRAZZACAPPA, M. **Fondements et enseignements des techniques corporelles des artistes de la scène dans l'état de São Paulo, au XXème siècle.** Tese -Université de Paris 8 – France, 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Instituto de Cultura e Arte/ICA. **Projeto Político Pedagógico** do Curso de Graduação em Licenciatura em Dança. Fortaleza, 2010. Disponível em: <https://danca.ufc.br/wp-content/uploads/2021/03/projeto-pedagogico-licenciatura.pdf>. Acesso 30/04/2025.

Data da submissão: 30 Abr 2025.

Data do aceite: 01 Ago 2025.



Esta obra está licenciada sob licença Creative Commons Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/legalcode.pt>).